Editorial

Entrar no mundo da Bíblia é como penetrar numa enorme casa de muitos quartos. Cada um tem uma chave, mas não é a adequada para os outros quartos. Um dos compartimentos deste edifício tem uma chave que se chama cativeiro.

Se olharmos atentamente toda a Bíblia, perceberemos que uma grande quantidade de textos surgiu em tempo de escravidão, exílio e cativeiro (no Antigo Testamento: Egito, Assíria, Mesopotâmia, Babilônia, Moab, Edom, Amon, etc.; no Novo Testamento: cartas do cativeiro, Patmos, etc.). Cadeia mesmo. Às vezes, surgem textos, frutos da penitenciária ideológica. Uma determinada comunidade passa pela experiência do cerceamento da vida, advindo a insegurança, o sofrimento, a dor, a ameaça do desaparecimento, a tortura, os assassinatos.

Diante desta situação, alguma resistência começa a surgir. A partir de uma fé ferida, os cativos se unem, começam a procurar a chave para abrir a porta, e as esperanças vão aparecendo. É como diz um de nossos articulistas: "Cativeiro tem limite".

Este n. 43 de Estudos Bíblicos *escolheu alguns textos bíblicos para lhe ajudar, leitora e leitor, a procurar a chave junto às comunidades bíblicas em busca da vida. Nossas comunidades, particularmente as latino-americanas, não podem perdê-la. Descobrindo-a vem a liberdade, a vida.*

Pedro Casaldáliga, *poeta, profeta dos nossos dias e bispo, abre o nosso número com um belo poema sobre a Palavra que liberta do cativeiro todo um povo de pobres. É sempre a Palavra para libertar.*

Dentre todos os cativeiros, aquele que é o mais celebrado no Antigo Testamento é o do Egito. À luz da experiência deste cativeiro, Milton Schwantes *fala da "festa que vem depois", analisando Êxodo 15 ou as "cantorias de um povo saído do cativeiro". A grande libertação é entoada na voz de Moisés com os filhos de Israel (v. 1-18) e de Miriã com todas as mulheres (v. 19-21), rememorando o*

passado e apontando o futuro. Milton apresenta a estrutura dos dois cânticos, identifica a antiga origem camponesa e de guerra santa do cântico de Miriã e pensa nos cantores do templo como autores do cântico de Moisés. Vê-se aí que "Javé é um guerreiro" libertador e que diante dele os opressores entram em agonia. Os oprimidos, porém, descobrem a passagem para a libertação, que contagia outros movimentos afins. Por isso, a libertação dos hebreus é escola para todo o povo de Deus, razão de louvor e gratidão a Javé, que conduz sempre o seu povo.

Marcelo de Barros Souza *enfoca os Salmos à luz da situação de exclusão. As grandes maiorias da população estão sendo cada vez mais excluídas de tudo. Eis uma forma atual de cativeiro. A partir da realidade da exclusão/cativeiro, Marcelo estuda o conjunto dos Salmos, do saltério. Observa a organização deste livro e percebe que este cancioneiro do povo de Deus, que estes Salmos não representam orações e canções isoladas. Estão de tal modo organizados que animam a espiritualidade dos sofredores, dos excluídos.*

Mais outro ensaio se detém no saltério. Aborda o Salmo 137. Este Salmo é uma resposta literária à violência babilônica, dando-nos informações interessantes do cativeiro. Jorge Luis Rodríguez Gutiérrez *faz deste Salmo, que é o grito revoltado de quem está no cativeiro da Babilônia, o clamor dos latino-americanos. Não hesita em personificar o Nabucodonosor de ontem nos Pinochet, Somoza e Stroessner de hoje. Sentar e chorar à beira dos rios da Babilônia é lembrar os exilados das ditaduras latino-americanas que choravam sentados nos aeroportos distantes ou nos consulados. Babilônia destruída, Santiago bombardeada. Lá e cá: dor, choro e morte. Jorge, como pessoa de fé crítica, atualizando o Salmo, em empatia com os latino-americanos, só tem uma oração para encerrar: "Senhor, ensina-me a perdoar!"*

Luiz Alexandre Solano Rossi, *ao constatar que os exílios foram uma regra na história do povo de Deus, afirma que o da Babilônia foi o "cativeiro padrão" e que, para o estudo da Bíblia, é ponto de referência obrigatório. O povo de Judá perdeu terra, rei e templo, levando-o a sentir que o projeto de Javé havia fracassado para o deus de Nabucodonosor. Porém, no cativeiro, este povo exercita uma "crise criativa", fazendo brotar a semente da esperança e a força de recomeçar, apesar da dor.*

Joel Antônio Ferreira *mostra que as comunidades dos gálatas corriam o risco de ficar debaixo de um duplo cativeiro: a) o regime imperial romano com sua força econômica, militar, cultural e política; b) a pressão ideológica dos cristãos vindos do judaísmo que os queriam escravizar no legalismo mosaico-judeu. Paulo, porém, dá-lhes a chave para abrirem a porta da penitenciária que os escravizava e, em conseqüência, delinearem a força da liberdade cristã. Ao destrancar a porta do cárcere os cristãos descobriram que a liberdade cristã desemboca no amor. Este se enriquece no serviço partilhado e no igualitarismo (Gl 3,28). Precisaram da dura experiência do cativeiro para experienciar que já não há "...nem escravo nem livre... pois todos são um só em Cristo Jesus".*

O apóstolo Paulo também é o assunto de Bárbara Kiener *e de* Geraldo Rosania. *Apresentam um ensaio em parceria. Aliás, tais trabalhos em conjunto poderiam ser escritos com mais freqüência entre nós! Ambos centram sua atenção no Hino de Filipenses 2,5-11. Mostram como o Cântico do Servo Sofredor de Isaías 53 está na própria base do texto de Filipenses. Ambos igualmente desafiam seus leitores e suas leitoras a perceber que o Hino de Filipenses é, na verdade, anterior*

a Paulo, tendo aí um sentido especial. Em jogo está a humanidade de Jesus, um servo injustiçado até a morte, e ao mesmo tempo sua dimensão divina, como aquele a quem todos os joelhos se dobram.

Paulo Augusto de Souza Nogueira *aceita que o autor do Apocalipse fora deportado para Patmos como prisioneiro político. Apontando Esmirna e Pérgamo (Ap 2) ele vê a ameaça do cativeiro e do martírio nas comunidades do Império Romano. Detém-se em Ap 13 vendo o cativeiro como situação de todos os seres humanos oprimidos e dominados pelas bestas. E enfoca também a situação das pequenas comunidades cristãs da Ásia que se recusavam a obedecer ao Império Romano. Diante das duas bestas – Roma e a ideologia sedutora que a sustenta – qual é a postura das comunidades cristãs? Não ser cooptadas pelo império e manter-se fiéis a Cristo.*

Joel Antônio Ferreira